

O CONCEITO DE ANTIGUIDADE TARDIA E AS TRANSFORMAÇÕES DA CIDADE ANTIGA: O CASO DA ÁFRICA DO NORTE*

JULIO CESAR MAGALHÃES DE OLIVEIRA**

Resumo: A emergência da Antiguidade Tardia como um campo de estudos autônomo constitui uma das maiores revoluções historiográficas da segunda metade do século XX, ainda que suas fronteiras e fundamentos estejam longe de serem consensuais. Este artigo discute a gênese do conceito de Antiguidade Tardia e questiona o valor heurístico de sua concepção como um período longo, distinto e autônomo, avaliando a sua pertinência a partir do caso particular da história urbana da África do Norte.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia (historiografia) – África do Norte – história urbana

THE CONCEPT OF LATE ANTIQUITY AND THE TRANSFORMATIONS OF THE ANCIENT CITY: THE CASE OF NORTH AFRICA

Abstract: The rise of Late Antiquity as an autonomous domain for historical research constitutes one of the major revolutions in the historiography of the second half of the 20th century, even though the frontiers and foundations of this period remain far from consensual. This paper discusses the genesis of the concept of Late Antiquity and questions the heuristic value of the

* Comunicação apresentada no IX Colóquio Internacional do Centro do Pensamento Antigo (CPA/IFCH/ Unicamp), em 16 de agosto de 2007.

** Doutor em História Antiga pela Université Paris X Nanterre; pesquisador associado ao Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Estadual de Campinas (NEE/Unicamp).

conception of a long, distinctive period that stands on its own, analyzing their significance through the particular case of the urban history of North Africa.

Key-words: Late Antiquity (historiography) – North Africa – urban history

A divisão da História da humanidade em grandes períodos não é um dado da própria História, mas faz parte da reflexão historiográfica, das questões que os historiadores, em certo momento, consideram mais relevantes para a compreensão do passado. Nos últimos quarenta anos, a emergência de uma concepção de Antiguidade Tardia como um período autônomo e distinto, entre a Antiguidade Clássica e a Idade Média, constituiu uma revolução historiográfica importantíssima, ainda que as fronteiras e os fundamentos dessa periodização estejam longe de serem consensuais. A emancipação desse período intermédio está certamente ligada às inquietações de nosso próprio tempo e, em particular, à rejeição de todo ideal tido como clássico ou de validade universal. Contudo, a pertinência de uma periodização deve ser avaliada, antes de tudo, por seu valor heurístico e, nesse sentido, a questão que devemos nos colocar é em que medida essa concepção de uma Antiguidade Tardia longa, distinta e autônoma, abrangendo pelo menos os séculos III a VIII, nos permite realmente compreender as transformações fundamentais das sociedades antigas rumo a formas medievais. Neste artigo, eu gostaria de avaliar a pertinência dessa concepção para a compreensão da história urbana da África do Norte, não sem antes evocar, ainda que brevemente, a história do conceito e os debates historiográficos atuais.

O conceito de Antiguidade Tardia foi formulado originalmente no final do século XIX e no início do XX, nos campos da História da Arte e da História das Religiões, em oposição à ideia renascentista e iluminista de uma decadência multissecular da civilização romana¹. Nos anos 50 e 60 do século XX, a crítica

¹ Sobre a história do conceito, ver Liebeschuetz, 2004.

O conceito de Antiguidade tardia ...

ao conceito de decadência foi consolidada na historiografia graças à influência de Henri-Irénée Marrou, na França, de Santo Mazzarino, na Itália, e de Arnold Jones, na Grã-Bretanha, que procuraram demonstrar como o Império Romano, longe de sucumbir à crise do século III, se renovou a partir da Tetrarquia, dando origem a uma civilização original e extremamente rica. A crítica desses autores à ideia de decadência implicava, porém, pouco mais que uma reabilitação do período até então descrito, de maneira pejorativa, como o Baixo Império, sem, no entanto, negar as rupturas do século V, no Ocidente, e do século VII, no Oriente. Na verdade, o conceito moderno de Antiguidade Tardia, como um período longo, distinto e autônomo, englobando os últimos séculos da Antiguidade e os primeiros da Idade Média, seria difundido apenas a partir da publicação, em 1971, de *The World of Late Antiquity*, de Peter Brown².

Brown elaborou uma definição de Antiguidade Tardia como um período distinto na história do Mediterrâneo, durante o qual um mundo novo e extraordinariamente criativo se desenvolvera a partir de uma dupla revolução, social e espiritual. Esse bloco temporal extenso, que iria, em princípio, dos últimos decênios do século II até o século VIII, é caracterizado, antes de tudo, pela lenta passagem de uma mentalidade identitária cívica a uma mentalidade identitária religiosa. Privilegiando a história cultural e religiosa em suas dimensões sociais e mentais, Brown, seus colegas e discípulos, têm insistido na importância das transformações lentas para a definição do período: trata-se, sobretudo, de analisar o impacto das religiões emergentes (o cristianismo e o islamismo) sobre as concepções e os comportamentos pessoais e coletivos³. Nessa perspectiva, as mudanças políticas, como a queda do Império do Ocidente e a conquista

² Brown, 1971.

³ Sobre a obra de Peter Brown, ver Inglebert, 2005. Sobre os temas privilegiados por sua escola, ver Bowersock, Brown e Grabar, 1999.

árabe, são minimizadas e as fronteiras da Antiguidade Tardia são progressivamente alargadas para abarcar, segundo alguns autores, até o século X.

O caráter eminentemente anglo-saxão dessa escola, que dominou os estudos sobre a Antiguidade Tardia até os anos 1990, explica-se, em parte, pela reação que ela promoveu contra a divisão tradicional dos estudos históricos no mundo anglófono entre *Classics* e *Modern*, esta última área incluindo num só bloco o Império tardio, a Idade Média e época moderna. O próprio Brown descreveu seus trabalhos como uma verdadeira “guerrilha” contra esse ideal de estudos clássicos que relegava aos “tempos modernos” tudo o que não pertencesse aos melhores autores da melhor época⁴. A ampla aceitação das propostas dessa escola se deve, porém, igualmente a outros fatores. A valorização dos aspectos positivos dessa longa Antiguidade Tardia e o interesse dominante pelas transformações culturais, mais do que pela dissolução das estruturas políticas, refletem a influência de uma perspectiva multiétnica que emerge com a descolonização e o ceticismo crescente sobre a capacidade transformadora da política (ou pelo menos da política institucional) que caracteriza a segunda metade do século XX.

Nos últimos anos, porém, diversos autores têm criticado as concepções dessa escola por considerarem que ela minimiza indevidamente as rupturas e ignora as estruturas políticas, econômicas e sociais. No mundo anglo-saxão, o marco dessa reação foi a publicação, em 2001, do livro de Wolfgang Liebeschuetz, *The Decline and Fall of the Roman City*, título provocador e deliberadamente gibboniano que dá bem a medida de seu projeto⁵. Contudo, o verdadeiro divisor de águas nesse debate foi o ataque em regra de Andrea Giardina à escola de

⁴ Brown, 1997.

⁵ Liebeschuetz, 2001.

O conceito de Antiguidade tardia ...

Brown no artigo “Esplosione di Tardoantico”, publicado em 1999 na revista italiana *Studi Storici*⁶. Giardina critica a exaltação da “modernidade” da Antiguidade Tardia nos autores dessa escola e a valorização excessiva de seus aspectos positivos, o que conduz à recusa de qualquer mudança considerada negativa. Enfatiza a incoerência do alargamento progressivo das fronteiras dessa época, que acaba levando à perda de toda unidade interna. Opõe-se à obsessão deliberadamente reivindicada por esses autores de ignorar o impacto da queda do Império do Ocidente, ressaltando como o “grande evento”, longe de ser um epifenômeno, pode ser visto como um acelerador de mudanças. Por fim, preconiza o retorno ao estudo das estruturas, da morfologia da sociedade, como única forma de avaliarmos a importância das transformações.

O debate atual tem sido cada vez mais polarizado entre essas duas tendências, que refletem pontos de vista diferentes, embora não necessariamente incompatíveis, na medida em que tanto as continuidades como as rupturas podem ser verificadas, conforme se busque no período em questão as raízes do novo ou o fim do antigo. Contudo, o desafio lançado por Giardina não pode ser ignorado, pois não se pode caracterizar todo um período apenas em função das transformações culturais, sem ter em conta a morfologia da sociedade. De fato, é sempre possível identificar continuidades isoladas, mas quando se passa dos elementos particulares a uma visão geral do contexto histórico, e em primeiro lugar às metamorfoses do urbanismo, então a importância das discontinuidades torna-se evidente⁷. Parece-me que este é sem sombra de dúvida o caso da história urbana da África do Norte no período, como veremos a seguir.

Vamos então retomar as linhas gerais das transformações da vida urbana na África do Norte, de sua anexação ao Império Romano até sua conquista

⁶ Giardina, 1999.

⁷ Giardina, 1999, p.176.

pelos árabes. A urbanização dessa região que conhecemos como o Magreb é um fenômeno bastante antigo, que remonta, para o litoral, até a colonização fenícia, tendo se desenvolvido, ao longo do primeiro milênio a.C., nos territórios controlados por Cartago e, depois, pelos reis númidas. No momento da constituição da província romana da *Africa nova*, no final do período republicano, a paisagem da África do Norte já estava, portanto, dominada por vilarejos e cidades, embora a maior parte das aglomerações urbanas do interior devesse se desenvolver apenas durante o Império. Contudo, apesar dessa urbanização precoce, até o primeiro século da nossa era, as cidades africanas ainda eram em geral pouco povoadas e não dispunham de uma decoração monumental importante ou de uma infra-estrutura urbana desenvolvida. Mesmo em Cartago, uma das três maiores cidades do Império no século IV, as escavações levadas a cabo a partir dos anos 1970 revelaram um urbanismo de início bastante modesto. Com efeito, no primeiro século da nossa era, a nova colônia romana, construída sobre as ruínas da cidade púnica, estava ainda longe de ocupar toda a área compreendida mais tarde pela muralha de Teodósio II. Apesar dos importantes trabalhos de construção de um centro monumental sobre a colina de Byrsa desde a época de Augusto, a cidade durante muito tempo seria ainda dotada de uma infra-estrutura precária, uma vez que o abastecimento de água pelos aquedutos, o calçamento das ruas e a rede de esgotos seriam implantados somente na segunda metade do século II. De fato, é apenas a partir do período Antonino-Severiano (ou seja, entre o final do século II e os começos do século III) que Cartago se tornou uma metrópole rica, extensa e bem povoada, dotada de uma infra-estrutura urbana importante e de todos os monumentos característicos de uma cidade romana. Essa mesma tendência se repete, na verdade, em muitas outras cidades africanas que a Arqueologia nos permite

O conceito de Antiguidade tardia ...

conhecer, com uma monumentalidade modesta, uma infra-estrutura precária e uma extensão limitada da área urbana no século I d.C., ao que se segue um crescimento e uma prosperidade espetaculares culminando na segunda metade do século II e no primeiro quarto do século III. No século IV, tanto em Cartago como nas demais cidades, não se constata nenhuma regressão do urbanismo: ao contrário, até o começo do século V, os monumentos públicos são em geral bem mantidos pelas autoridades e é apenas por essa época que a maioria das cidades africanas atinge sua máxima densidade e sua maior extensão⁸.

Essa evolução das cidades africanas está intimamente ligada à revolução provocada pela implantação nessas províncias, após sua anexação ao Império, de uma verdadeira economia de exportação. A integração da África do Norte no sistema econômico imperial provocou uma transformação radical no mundo rural da região, com a intervenção de colonizadores, a sedentarização de muitos grupos nômades e a destruição das propriedades comunais aldeãs⁹. A partir do final do século I de nossa era, assiste-se na região à passagem de uma agricultura de subsistência associada ao pastoreio a uma agricultura intensiva e destinada à exportação, praticada em propriedades individuais (imperiais ou particulares), num sistema dinâmico de locatários e meeiros. De fato, as prospecções arqueológicas dos últimos trinta anos no território das antigas províncias da Tripolitânia à Numídia têm revelado uma diversificação gradual das formas de assentamento rural, um aumento espetacular da ocupação do solo e um incremento das unidades produtivas a partir do século II, culminando nos séculos III e IV¹⁰. O aumento espetacular da produção do azeite para exportação, em

⁸ Sobre a evolução das cidades na África romana, ver Mattingly e Hitchner, 1995, pp.179-187 e Lepelley, 2005. Sobre as escavações conduzidas em Cartago pelas equipes internacionais da Unesco, ver Ennabli, 1992; Mattingly e Hitchner, 1995, pp.180-183, e Gros, 2000.

⁹ Fentress, 2006.

¹⁰ Mattingly e Hitchner, 1995, pp.189-196.

particular, pode ser demonstrado tanto pela multiplicação das prensas no campo, como pela distribuição das ânforas africanas em todo o Mediterrâneo¹¹. O crescimento da economia agrícola, os incentivos concedidos aos transportadores dos produtos requisitados pelo fisco e as oportunidades de comercialização num mercado supra-regional acabaram, também, por incentivar outras produções, como a cerâmica fina de mesa, que domina, no século IV todos os mercados ocidentais. A redução das pastagens devido à expansão das áreas cultivadas implicou a substituição do pastoreio tradicional pela criação intensiva de ovinos, através da transumância a longa distância, favorecendo, em muitas regiões, uma produção em larga escala de tecidos¹². As facilidades para exportação nos portos africanos também incentivaram a exploração dos recursos marítimos para a extração da púrpura de moluscos e para a produção de conservas e molhos de peixe, como mostram os mais de cinquenta sítios do período romano dedicados a essas atividades atualmente identificados no litoral tunisiano¹³. Nesse contexto de expansão econômica, do final do século II ao início do século V, as cidades não poderiam deixar, em maior ou menor medida, de serem beneficiadas: as elites urbanas, enriquecidas com as exportações de produtos agrícolas, podiam investir maciçamente em luxuosas mansões e em edifícios públicos, enquanto a plebe urbana se beneficiava da expansão das atividades artesanais, do comércio e dos serviços. Este é o caso, sobretudo, das cidades litorâneas como Leptiminus e Meninx, que se viram então cercadas de extensos bairros artesanais, mas também de muitas cidades do interior, como Timgad, que desenvolveram um importante artesanato têxtil, valorizando a economia pastoril da região¹⁴.

¹¹ Mattingly, 1988.

¹² Fentress, 2006, p.29. Cf. Wilson, 2001, para a região de Timgad.

¹³ Slim et al. 2004.

¹⁴ Wilson, 2002.

O conceito de Antiguidade tardia ...

Dada a estreita relação identificada entre a integração da África à economia imperial e o desenvolvimento das cidades, devemos agora nos perguntar qual o destino do urbanismo e da economia urbana na região após sua conquista pelos Vândalos¹⁵. Ora, a partir das primeiras décadas do século V, as cidades africanas conhecem mudanças significativas nas formas tradicionais do urbanismo, com a perda de importância do fórum em benefício do complexo episcopal, o abandono de alguns lugares de espetáculo e a conversão de muitos edifícios públicos em igrejas. Constata-se uma menor regulamentação da malha urbana pelas autoridades municipais, com a ocupação de ruas e de outros espaços públicos por casebres, lojas e oficinas. Mas, apesar disso, as escavações em Cartago e em outros sítios urbanos não mostram nenhuma diminuição da área habitada. Com a reconquista bizantina, no segundo quarto do século VI, inúmeros trabalhos de construção são empreendidos em diversas cidades. Em geral, trata-se da edificação de igrejas e fortificações, mas em Cartago verificam-se também restaurações das ruas e dos edifícios de habitação, além de importantes trabalhos de reconstrução dos portos. A organização dessas cidades, porém, havia-se modificado em profundidade, já que não se organizavam mais em torno do fórum, mas da fortaleza e das igrejas. Pode-se, portanto, afirmar que, por essa época, as formas tradicionais de vida cívica haviam desaparecido, mas não, certamente, a vida urbana em si.

Do século V ao século VI, não se constata também nenhum declínio abrupto da economia africana. A parte das exportações africanas no comércio mediterrâneo continuou importante, mas o volume da produção parece declinar progressivamente, a julgar pela quantidade e pela distribuição dos fragmentos

¹⁵ Sobre a evolução do urbanismo na África nos períodos vândalo e bizantino, ver Liebeschuetz, 2001, pp.97-102 e Lepelley, 2006.

de ânforas e de cerâmica fina originárias da região nos diversos sítios do Mediterrâneo. A produção urbana também não desaparece, mas se reorganiza, com a transferência para o centro urbano de artesanatos poluentes, outrora relegados à periferia da cidade, como a produção de cerâmica, a metalurgia e a extração da púrpura de moluscos, que se verifica em sítios como Leptiminus e Meninx.

Se a queda do Império do Ocidente não provocou o colapso imediato da economia africana, o desaparecimento da economia integrada do período imperial havia deixado as cidades e a produção urbana particularmente vulneráveis¹⁶. No século VII, enfim, o colapso sobrevém. Uma regressão brutal da ocupação do solo e da produção agrícola para exportação pode ser constatada em muitas regiões. Na região de Kasserine, por exemplo, a produção intensiva do período imperial dá lugar, por essa época, a um retorno ao nomadismo pastoril. Em Leptiminus, Meninx e outros sítios urbanos, as produções artesanais desaparecem e com elas, é possível constatar um retorno da população para o campo. Às vésperas da conquista árabe, em toda a África, a ocupação urbana havia sido sensivelmente reduzida. As cidades são ruralizadas e empobrecidas, quando não desaparecem pura e simplesmente, como é o caso de Meninx, Leptiminus e Timgad¹⁷.

A África, como já disse Claude Lepelley¹⁸, oferece às duas vertentes de estudos sobre a Antiguidade Tardia que se confrontam atualmente um exemplo paroxístico, com uma imensa prosperidade no século IV e um declínio abrupto no século VII. Mas a contradição é apenas aparente. A meu ver, a história urbana da África do Norte parece antes solapar os pressupostos da definição

¹⁶ Cf. Ward-Perkins 2005.

¹⁷ Cf. Wilson, 2002; Lepelley, 2006.

¹⁸ Lepelley, 2006, p.14.

O conceito de Antiguidade tardia ...

longa de Antiguidade Tardia. O progresso ininterrupto entre os séculos II e IV questiona o pressuposto de uma *autonomia* da Antiguidade Tardia em relação ao período clássico. A diferença entre o urbanismo do período imperial tardio e aquele que se segue à conquista vândala parece também justificar a distinção estabelecida recentemente pelo próprio Brown e aceita por Liebeschuetz entre uma Antiguidade Tardia primeira e uma Antiguidade Tardia “tardia”, o que nos permite, porém, questionar a suposta *unidade* desse longo período. Por fim, o colapso do século VII marca uma drástica ruptura que só podemos descrever em termos de *declínio e queda*.

Do meu ponto de vista (que é também o que foi expresso por Giardina¹⁹), a Antiguidade Tardia não deveria ser outra coisa senão a *última* Antiguidade, aquela parte da Antiguidade que, embora dotada de características próprias, conserva ainda formas antigas. Mas qualquer que seja a definição que adotemos, nenhuma interpretação de conjunto das transformações do período deveria prescindir de uma abordagem global que leve em conta não só as ideias, mas também a materialidade da existência e as condições de vida da maioria da população.

Referências Bibliográficas

- BOWERSOCK, Glen W.; BROWN, Peter e GRABAR, Oleg (eds. 1999), *Late Antiquity: A Guide to the Postclassical World*. Cambridge.
- BROWN, Peter (1971). *The World of Late Antiquity: From Marcus Aurelius to Muhammad*. Londres (2ª ed. aumentada: *The World of Late Antiquity AD 150-750*. Nova Iorque, 1989).
- BROWN, Peter et al. (1997). *The World of Late Antiquity Revisited*. In: *Symbolae Osloenses*, 72.

¹⁹ Giardina, 1999, p.170.

- ENNABLI, A. (ed. 1992), *Pour Sauver Carthage. Exploration et conservation de la cité punique, romaine et byzantine*. Paris/Tunis.
- FENTRESS, Elizabeth (2006). "Romanizing the Berbers", *Past and Present*, 190, pp. 3-33.
- GIARDINA, Andrea (1999). "Esplosione di tardoantico", *Studi Storici*, 40/1, pp. 157-180.
- GROS, Pierre (2000). "Carthage romaine: résurrection d'une capitale". In: C. Nicolet, R. Ilbert e J.-C. Depaule (eds.), *Mégapoles méditerranéennes: géographie urbaine rétrospective*, Paris/Roma : École française de Rome, pp. 534-544.
- INGLEBERT, Hervé (2005). "Peter Brown". In: Véronique Sales (ed.), *Os Historiadores*; [tradução de Telma Costa]. Lisboa: Teorema, pp. 415-433.
- LEPELLEY, Claude (2005). "Deux ruptures dans l'histoire de l'Afrique romaine: les Flaviens et les Vandales", *PALLAS: Revue interuniversitaire d'Études Antiques*, 68, pp. 49-62.
- LEPELLEY, Claude (2006). "La cité africaine tardive, de l'apogée du IV^e siècle à l'effondrement du VII^e siècle". In: Jens-Uwe Krause e Christian Witschel (org.), *Die Stadt in der Spätantike – Niedergang oder Wandel? Akten des internationalen Kolloquiums in München am 30. und 31. Mai 2003* (Historia-Einzelschrift, 190). Stuttgart: Franz Steiner Verlag, pp. 13-31.
- LIEBESCHUETZ, Wolfgang (2001). *The Decline and Fall of the Roman City*. Oxford: Oxford University Press.
- LIEBESCHUETZ, Wolfgang (2004). "The birth of late Antiquity", *Antiquité Tardive*, 12, pp. 253-261.
- MATTINGLY, David (1988). "Oil for Export? A Comparison of Libyan, Spanish and Tunisian Oil Production in the Roman Empire", *Journal of Roman Archaeology*, 1, pp. 33-56.
- MATTINGLY, David e HITCHNER, R. Bruce (1995). "Roman Africa: An Archaeological Review", *Journal of Roman Studies*, 85, pp. 165-213.
- SLIM, H.; TROUSSET, P.; PASKOFF, R. e OUESLATI, A. (2004). *Le littoral de la Tunisie. Étude géologique et historique*. Paris.

O conceito de Antiguidade tardia ...

- WARD-PERKINS, Bryan (2005). *The Fall of Rome and the End of Civilization*. Oxford: Oxford University Press.
- WILSON, Andrew (2001). "Timgad and Textile Production". In: D. J. Mattingly e J. Salmon (eds.), *Economies beyond Agriculture in the Classical World*. Londres/Nova Iorque, pp. 271-296.
- WILSON, Andrew (2002). "Urban production in the Roman world: the view from North Africa". In: *Papers of the British School at Rome*, 70, pp. 231-273.

Artigo recebido em abril de 2007.
Artigo aprovado em junho de 2007.